

# acêrca da nova mulher

É facto verificado por tódas as pessoas de bom senso, que conhecem suficientemente, embora sem profundezas, a sociedade portuguesa de hoje, o estado de incultura em que vive a maior parte das nossas mulheres. Não me refiro apenas às mulheres do povo, essas completamente ignorantes e boçais (as condições em que vivem não permitem coisa diferente) mas também, e especialmente, às da pequena, média e alta burguesia que, embora sabendo ler, escrever, e às vezes falar um pouco de francês, são todavia inteiramente incultas, se não definirmos a cultura apenas pela quantidade de conhecimentos, isto é: se a considerarmos antes como uma coisa viva e dinâmica, ligada à vida social e nela encontrando a sua razão de ser.

As mulheres portuguesas faltam sobretudo humanidade. Desconhecem aquilo que na vida dos povos há de mais profundo e essencial, porque a bem dizer não têm uma concepção da vida, nem um método para interpretar a realidade.

O que têm são juízos independentes sobre fenómenos julgados particulares (às vezes modalidades do mesmo fenómeno), como se a realidade pudesse comparar-se a uma manta de retalhos. Nada têm, enfim, que as oriente nos juízos, que as ajude a compreender os outros e o mundo em que vivem.

Mas não é isto coisa que lhes tire o sono e lhes dê cuidados.

O facto, como é natural, há-de ter uma explicação qualquer, que não será com certeza o falso lugar-comum da inferioridade intelectual da mulher (1), resultante de uma confusão lamentável entre diferenças quantitativas e diferenças qualitativas, mas verdade incontestável para «botas de elástico» dementados e vaidosos.

É a primeira prova da falsidade desse juízo está no facto de haver países onde a percentagem de mulheres incultas vai baixando progressivamente. De resto, a própria mulher se tem encarregado de demonstrar a falta de fundamento desse velho lugar-comum, com as provas de inteligência que dia a dia vai fornecendo, cada vez mais numerosas e mais importantes.

Que isto é verdade reconhecem-no tódas as pessoas razoáveis; mas há ainda conspícuos senhores, precisamente aqueles que mais ambicionam passar por sensatos, que insistem em proclamar a estupidez da mulher («Sé bela e cala-te», escreveu um), cujo papel, pa-

ra eles, se limita ao prazer do homem, à conseqüente procriação e ao governo da casa. E ajuizam, assim, intrépida e não se lembrando de que a eles cabe em grande parte a responsabilidade pela incultura da mulher, a que vêem uma causa única: a fraqueza intelectual do chamado sexo fraco.

Na verdade, são os homens que mantêm as mulheres na ignorância, porque, partindo do princípio de que há certas coisas que as mulheres devem ignorar (e todos sabemos quantas insanidades morais e materiais a observância sistemática de tal princípio produz, principalmente quando aliada à escassez de meios económicos), lhes impedem com subterfúgios e reticências a satisfação das suas humanas e naturalíssimas curiosidades, que não raras vezes, mercê de tal acção, se tornam mórbidas e obscantebes.

E nesta obra muitos homens vêem coisa meritória: a defesa de não sei que *legítimos direitos*...

Mas, além da culpa dos homens, há a das próprias mulheres: a fúria a que as mais delas se abandonam, preferindo permanecer eternamente ignorantes a fazer um esforço de compreensão.

Nada lêem que as eduque, que as ajude a compreender a vida; as suas curiosidades literárias satisfazem-se facilmente com a leitura de obras de humanidade frouxa, românticas e piegas, no género das de Ardel, Veuzit e Dolly (Suponho que os que me lêem não necessitam que lhes explique o que essas obras são).

É pela leitura desses livros que elas formam a noção do seu papel na sociedade e no mundo!...

Por via de regra, não lêem obras de escritores de primeiro plano, mas se o fazem, o que é raríssimo, não as move o intuito de apreciar o que nelas há de elevado, quer em arte quer em verdade humana; o que procuram é a distração, quando não aquilo que lhe ensinaram a julgar imoral e que por isso mesmo lhes excita a imaginação e a sensibilidade.

As pessoas de bons costumes qualificam de imorais, de impróprias para o consumo de senhoras e donzelas as obras de certos escritores, especialmente dos realistas.

Sem pretender ensinar moral a tão virtuosas criaturas, permito-me, todavia, observar que não há notícia de jamais tais leituras terem perturbado o juízo a quem o têm são e que as pessoas de juízo variado não precisam de tais estimulantes para fazerem tolices.

De facto, iludir parece-nos

um mau método, porque ao passo que a ilusão não dura sempre (vide os escândalos diários de que os jornais nos dão notícia), a verdade, quando pedagógicamente transmitida, só pode ser útil e fecunda. A verdade é a vida, disse Romain Rolland no *Jean Christophe*.

Quanto ao outro género de literatura, a chamada *literatura feminina*, acho-a verdadeiramente pernicioso (e não digo isto por prazer de estar em contradição com as pessoas de bons costumes).

Além de ser uma literatura disparatada e piegas, contribui para que aumente na mulher o seu egocentrismo; porque, sem a ensinar a gostar de alguém, ensina-a a desprezar tudo aquilo que esteja fóra de uns vagos amores lamechas e choramingas.

A mulher embebida de tais leituras acaba por ver apenas duas coisas dignas de atenção neste mundo: a sua própria pessoa e a de um noivo real ou hipotético (e a este não por amor, mas por vaidade sua).

A utilidade educativa dessas obras é nula, senão até negativa, porque levam a mulher a ver a sociedade, os homens e o amor através do prisma de uma fantasia sem arte e lhe obliteram o senso das realidades, insuflando-lhe ao mesmo tempo um sentimentalismo exagerado e, no fim de contas, artificial.

Julgar esta literatura inofensiva é ignorar ou esquecer que muitos dissabores, muitas inquietações e muitas infelicidades conjugais são devidas ao contraste entre as idéas falsas que ela fornece à mulher e a crueza, por vezes brutal das realidades da vida.

Desta maneira, essa literatura contribui para manter a profunda incompatibilidade que existe entre grande parte (nos países mais atrasados, pouco menos que a totalidade) das mulheres dos nossos dias e o ambiente social que as cerca.

Tódas estas coisas têm, na verdade, actuado no sentido de não permitirem à mulher de hoje integrar-se no espirito moderno.

Há um abismo que a mulher tenta superar, aliás na maioria dos casos com manifesta infelicidade.

Não pode suportar o seu atraso em relação ao meio que a cerca e tenta por isso acompanhar o espírito e o ritmo da vida actual, mas não o consegue por não ter assimilado o que nos fenómenos há de essencial, o fundo determinante dos aspectos superficiais.

Por isso e por causa das suas erróneas interpretações, a mulher que julgou modernizar-se

por **LUÍS**

sem esforços de compreensão, não passou de «pseudomoderna».

O seu modernismo é pura ficção: finge-se penetrada de novas concepções éticas e estéticas (e talvez no fundo esteja convencida disso), mas no modo de agir e reagir se vê quanto são falsas as suas atitudes e posturas as suas idéas, apoiadas numa base predominantemente sensorial, que não intelectual.

O conceito que tem de moderno formou-o ela através dos exageros dos americanos e das americanas, que viu no cinema, das «utopias» de Julio Verne realizadas, do ritmo acelerado da vida dos nossos dias, de tudo aquilo que é enorme, que a espanta, do desconcerto do Jazz, do impudor propositado e espectacular das filhas da alta burguesia do novo-mundo, enfim: dos aspectos materiais e palpáveis da nossa civilização, quando não dos seus produtos aberrativos. Levada pelo falso conceito que formou, deshumanizada-se, torna-se frívola e formalista, exagera tudo porque lhe parece moderno o exagero (idéa provavelmente inspirada na contemplação dos «arranha-céus» que vê no écran), imita o homem no exterior porque lhe disseram um dia—e ela acreditou—que a mulher se aproxima cada vez mais do homem e que os papéis de uma e de outro acabarão por inverter-se.

Diz e faz enormidades, satisfetíssima com a *independência de critério* que julga revelar. Reage com violência perante tudo aquilo que se lhe afigure preconceito—que não distingue da sensatez. Por paradoxal que pareça, tal reacção é motivada por um preconceito... do seu *modernismo*.

Para essas mulheres, o modernismo recebe-se sem crítica nem sentimentos de humanidade; é apenas um meio de satisfazer o seu instinto de exibição. Tal modernismo parece-me de todo o ponto inaceitável, não porque dê razão aos Acácios pregadores de moral raquítica que por aí abundam, mas por ser só exterior, deshumano, e sobretudo pela sua absoluta carência de motivação séria.

O tipo de mulher moderna que tentamos caracterizar é o falso; vejamos agora como se pode caracterizar o verdadeiro. Em primeiro lugar, a mulher verdadeiramente moderna constrói criticamente um ideal. Ao contrário das «pseudo-

# e da sua humanidade

Vieira

modernas», o seu modernismo é humano e não o pratica por mero instinto de exibição: compreende-o e sente-o. Distingue perfeitamente o preconceito, contra o qual reage calma e consciente, da simples limitação imposta pela bom-senso. Mas (e isto é nela uma característica fundamental) não reage por egoísmo, reage por solidariedade e simpatia para com as outras mulheres.

Tem os conhecimentos que lhe são indispensáveis (ou pelo menos trata de adquiri-los), e no que lê procura acima de tudo a humanidade—o perdurável e não o ransitório, a

verdade e não a ficção, um meio de conhecer o mundo e a vida e não apenas uma distração.

Possui o sentido das realidades e do seu papel como mulher e como pessoa. E digo «como pessoa» porque, embora não esqueça o seu papel meramente biológico de propagadora da espécie, ela não julga ser esse o seu único fim, como tantas outras, que por isso desprezam ou fingem ignorar as responsabilidades que lhe cabem como elementos da sociedade humana.

É sobretudo a noção que têm das suas responsabilidades sociais o que distingue a mulher conscientemente moderna de tódas as outras mulheres, principalmente das falsas modernas.

Isso faz com que o seu modo de ser seja muito diferente quer do das burguezinhas castradas e prendadas, que tocam piano e falam francês, quer do das mulheres livres mas irresponsáveis, que são livres apenas por preconceito e insensibilidade.

Enquanto as primeiras se encerram numa vida despretenhiosa, é certo, mas mesquinha, e as segundas consomem esforços em atitudes insinceras e inúteis, ela comunga activamente com a sociedade em que vive, sofrendo com os seus problemas e tentando contribuir para que eles sejam resolvidos. É possível que haja quem confunda as falsas com as verdadeiras mulheres modernas, quando perventura se encontram unidas contra a rotina e o preconceito, mas, por mais

semelhantes que possam parecer as atitudes externas (há quem não as distinga), a motivação difere diametralmente: uma age por agir, visando apenas o prazer pessoal que na luta possa encontrar, outra combate porque a luta lhe parece necessária e se lhe impõe como obrigação moral.

Felizmente já vão aparecendo destas mulheres em Portugal.

(1) Sobre este assunto, podem ver-se as interessantes considerações do Prof. Nemilow, em *A tragédia biológica da mulher* (Trad. port., Liv. Guimarães Ed.). Nemilow sustenta que entre os dois sexos há uma equipotencialidade, embora o homem e a mulher tenham diferentes aptidões.

4

## POEMAS de Antero Sobral

### Capelas imperfeitas

*Cansado de tanto procurar  
repoiso-me deitado nêstes vales!*

*Veem rios  
banhar-me,  
ventos veem  
desgrenhar-me...  
E crescem-me raízes  
nas terras frescas...*

*E eu sou menos eu  
e sou mais tódos!*

*As minhas raízes  
espalham-se nas terras  
e eu ergo-me diferente.  
A minha sombra  
alastra-se  
e cobre as direcções  
em que me perco...*

*...E os rios continuam a banhar-me  
no éco das vozes preferidas!  
Vozes voam em perguntas  
vozes soam sem respostas.  
E os ventos correm brandos...*

*Ai capelas imperfeitas,  
ai teres e queres, sem sentido,  
com divisões nunca feitas  
e verdades iludidas  
nas provas reais erradas!!!*

*Tudo se foi e não creio  
nêste que sou de pedaços,  
feito da luz de mil rios  
e desses gestos e passos  
que se perderam  
do fim,  
nêstes mundos começados  
e vieram dar a mim.*

### Ando lá fóra

*Chegam até mim, palavras sem cor  
que não pintam na tela que eu sou,  
ideias...  
Sou como a praia  
que já não sente os beijos do mar!  
Estou aqui, mas fui-me embora  
procurar-me.  
Eu ando lá ao longe,  
onde há árvores e sol  
e covas d'água, p'ra molhar os pés...  
Não volto nunca mais!*

### Evadido

*Quero afirmar-me  
nos mil defeitos  
de que sou feito...  
Quero vencer-me  
nos mil horrores  
que me deixaram...  
Quero quebrar  
as mil amarras  
em que me prendem!  
E... então, ser livre...  
Livre,  
como uma pedra  
tombada de uma torre.*

### Recordação

*Essa blusa que trases,  
riscada de várias côres,  
lembra-me o Mar;  
lembra-me a areia  
a brilhar  
ao Sol,  
e a dobar  
novêlos d'água do Mar...  
O Baleia,  
também tinha  
uma camisa iguaisinha  
a essa que hoje te cobre...  
Porém a dêle, oh! a dêle  
era mais nobre,  
tinha muito mais valôr...  
Era só igual na cor  
a essa que te cobre.  
Quando passava na praia,  
e o loiro sol lhe batia,  
tôda ela reflectia  
do sal que a água deixára!  
E tinha mais que essa tua  
a sua  
blusa colorida,  
vários rasgões que fizera  
nos baldões da sua vida.*